

O Que liam os cariocas no século XIX?¹

Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (UERJ)²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as leituras mais apreciadas ao longo do século XIX no Rio de Janeiro. Destacarei aqui alguns autores e textos de romances folhetins e as formas mais comuns de divulgação, através da imprensa carioca. O número de leitores em potencial na cidade do Rio de Janeiro era maior que no conjunto das cidades brasileiras da época. Apesar de muitas tipografias apostarem em publicações de literatura em geral o gosto pela leitura não se concentrou apenas em romances de qualidade, mas também nos romances folhetins franceses que fizeram muito sucesso, como pode se depreender pela sua presença em diversas bibliotecas particulares, pelos comentários na imprensa e pelos anúncios nos jornais.

Palavras-chave:

Circulação de livros; Leitores cariocas; relações culturais no século XIX.

No Rio de Janeiro, Município Neutro da Corte, portanto capital do Império, concentrava-se o maior número de leitores do Brasil. O maior número de livrarias, muitas bibliotecas públicas, colégios, alguns cursos superiores, publicações variadas como jornais e almanaques, um razoável número de bibliotecas particulares. Estes índices estão sendo cada vez mais destrinchados em estudos que tem como objeto o livro e leitura, mas uma pergunta permanece. Quais as preferências de leituras, que tipo de *“best sellers”* realmente carrega a simpatia e as leituras domésticas no século XIX?

Para responder esta pergunta vamos buscar citações de alguns escritores, memorialistas e acervos de bibliotecas particulares que concentravam estes livros mais populares. Neste universo de leituras feitas com intenções profissionais ou escolares uma nova tendência floresceu, tal como havia florescido em Paris: *o folhetim*. O folhetim francês³

¹ Trabalho apresentado ao NP IV-Produção Editorial no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

² Professora adjunta do Curso de História e do Programa de Pós Graduação da UERJ, Procientista, pesquisador CNPq 1D, Pesquisador principal projeto CNPq/Pronex/Faperj. bessone@uerj.br

³ Marlyse Meyer. *Folhetim. Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ganhou muitos adeptos no Brasil. Entre os autores mais consumidos estavam Paul de Kock⁴. Kock foi um autor muito prolífico, e produziu além de outros textos romances populares em fascículos. Muitas de suas publicações incluíam ilustrações, mas a preferência era por exemplares com qualidade de papel mais barato, com objetivo de vender, a preços mais acessíveis. Escrevia copiosamente e chegou a produzir cerca de 400 textos, entre romances, *vaudevilles* e melodramas. Adquiriu imensa popularidade na França e depois também fez sucesso no Brasil. Seus textos tinham muitos diálogos e humor, e eram muito apreciados. Mesmo Chateaubriand considerava-o como um grande inspirador para os leitores: “Com ele se pode rir e ter esperanças⁵”.

Outro autor muito consumido na França e no Brasil era Ponson de Terrail⁶. Teve um sucesso mais duradouro que Kock e era considerado um dos mestres do romance-folhetim. Sua família rejeitava sua escolha de escritor, pois havia uma tradição de vincularem-se à Marinha, mas Terrail optou por viver de seus textos, desde 1850. Seus romances mais conhecidos foram *As aventuras de Rocambole, e os Dramas de Paris (1859)*, com textos reunidos em 1884. As aventuras de Rocambole, de tão cheia de intrincadas peripécias geraram o termo rocambolesco. Como Kock tinha grande capacidade de trabalho, chegando a escrever, nos piores anos, cerca de trinta títulos, inclusive fornecendo material para muitos jornais parisienses ao mesmo tempo. Estes autores de romances e textos de aventuras, considerados pelos mais sofisticados como literatura popular, sem muita respeitabilidade literária, foram muito populares na França e no Brasil. Seus textos apareceram primeiramente publicados como pé de página ou encarte nos jornais. Depois encartados em volumes que compunham bibliotecas particulares.

Mesmo com esta receptividade entre o público em geral não eram bem avaliados por cronistas, romancistas e críticos. Tornaram-se objetos de curiosidade ou críticas, mas eram citados freqüentemente em artigos e crônicas de jornais. Mesmo por Machado de Assis que apesar de não se declarar leitor do Rocambole, usava vez por outra situações retiradas da obra em suas crônicas e artigos em jornais do Rio de Janeiro. Com textos que traduziam uma grande imaginação e estavam povoados de um grande viés para a inverossimilhança, e para o sentido de aventura, atingiu um forte público cativado primeiramente pelos fragmentos publicados nos jornais, tal como tinha acontecido na França. Seu sucesso foi tanto que Ponson é tido como um dos pioneiros entre aqueles que puderam

⁴ Capturado de gallica.bnf.fr/anthologie/piece.asp. O nome completo era Charles Paul de Kock. Nasceu em Passy, Paris em 1794 e morreu em Saint Denis, em 1871.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ Capturado de www.roman-daventures.info/auteurs/france/francais3.htm. Pierre Aléxis, visconde de Ponson du Terrail, nasceu em Montmeur, França em 8 de julho de 1829 e morreu em Bordeaux no dia 10 de janeiro de 1871.

sobrepajar seus interesses de autor aos dos editores e donos de jornais. Há inclusive uma anedota contada por vários de seus biógrafos que é muito esclarecedora, neste sentido. Aborrecido com os recursos que recebia pelos seus escritos Ponson pressionou seus editores por um aumento. A demanda foi negada, e Ponson escreveu um último capítulo do *Rocambole* deixando todos os personagens como prisioneiros, dentro de um cofre. Naturalmente criou um suspense e deixou seus leitores curiosíssimos quanto ao desfecho. Os editores lutaram para conseguir redatores substitutos que resolvessem a questão, e dessem um desfecho interessante à história. Porém ninguém apresentou texto que resolvesse a trama. No entanto, os leitores estavam ávidos, e nada da seqüência das aventuras. Pressionados os editores convocaram Ponson, concordando com suas exigências. Rapidamente ele apresentou um novo capítulo que começava mais ou menos assim: “depois de se libertarem do interior do cofre, Rocambole e seus companheiros....”, e assim continuou sua saga.

Nas bibliotecas particulares muitas das obras eram coleções encadernadas do *Rocambole*, dos *Mistérios de Paris* que foi escrito por outro importantíssimo folhetinista parisiense, Eugène Sue.⁷ Estas bibliotecas pertenciam a leitores que eram médicos ou advogados e ainda guardavam uma formação humanista fundamentada no interesse por obras literárias mais sólidas, de origens diversas, não só os folhetins. Além da presença destes livros em inventários, havia comentários sobre eles em colunas e textos de jornais, nas listagens das visitas às bibliotecas públicas, em correspondências particulares, memórias e outros registros. Tanto os proprietários de fascículos encadernados quanto os leitores em geral deixaram claro que os poemas, romances, folhetins e toda espécie de literatura exposta nas livrarias tinham consumidores, homens e mulheres, que eram atraídos por este objeto de consumo cada vez mais acessível no Brasil da transição do século XIX para o XX.⁸ As livrarias do Rio de Janeiro anunciavam em jornais os conjuntos encadernados ou novas publicações para manter seus leitores atualizados quanto às remessas de livros recebidos. Os jornais por sua vez logo se adaptaram ao formato do folhetim e depois passaram a integrá-los em uma publicação também anunciavam as novidades.

⁷ Joseph Marie Eugène Sue nasceu em Paris em 20 de Janeiro de 1804 e morreu em 3 de Agosto de 1857, era médico cirurgião, participou de várias batalhas no período napoleônico. Teve extraordinário sucesso como escritor.

⁸ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 8 e 27 jan 1870, 13, 30 e 31 mar 1870; para o aumento das especificações, ver Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 18 mai 1872 e 21 dez 1875: “Eneas Ponte ... honrado com a confiança do Exmo. Sr. Conselheiro José Martiniano de Alencar faz importante leilão ... com Gabinete de Leitura e biblioteca”, com descrição detalhada de livros e autores

Principais livrarias anunciadas no *Jornal do Commercio* durante a década de 1870

Garnier - Rua do Ouvidor n. 69
Enciclopédica - Rua Gonçalves Dias n. 72
E. e H. Laemmert - Rua do Ouvidor n. 68
Cruz Coutinho - Rua São José n. 75
Casa de uma Porta Só - Rua São José n. 69
Luso-Brasileira - Rua da Quitanda n. 30
Dupont e Mendonça - Rua Gonçalves Dias n. 75
Clássica - Rua Gonçalves Dias n. 54
Econômica - Largo do Paço C
Correa de Mello - Rua do Ouvidor n. 153

Fonte: *Jornal do Commercio* 1870-1879

Porém desde meados do século, o sucesso destas publicações era enorme. Às vezes, alguns textos eram adaptados para apresentações teatrais e aí sim tornaram-se objeto de controle e críticas mais contundentes. No Conservatório Dramático, no ano de 1844, André Pereira Lima, um dos encarregados de autorizar textos adaptados para o teatro, produziu alguns documentos que revelavam com clareza os critérios utilizados: decoro no uso da linguagem, prudência no manejo de termos políticos e respeito aos padrões morais do tempo. Neste parecer, por exemplo, comentava os textos de forma erudita e demonstrava atualização quanto ao seu sucesso destes textos na Europa, caracterizando-os muitas vezes como meras traduções, elaboradas às pressas, devido ao seu bom acolhimento no exterior.⁹ Eram sempre obras à maneira dos folhetins, que não tinham maior pretensão cultural.

Seus pareceres tornavam-se, por vezes, um termômetro da popularidade de um livro em comentários indiretos. Ao censurar o drama *Les Mystères de Paris*, extraído do romance homônimo, escreveu: “Ninguém há aí que não conheça o romance intitulado - *Os mistérios de Paris* - de Eugenio Sui” (sic), admitindo a sua grande popularidade, reforçada a partir da leitura dos anúncios do *Jornal do Commercio*. Para Pereira Lima a principal qualidade do romance era “descrever os vícios da baixa plebe, os crimes dos malfeitores discriminados pela sociedade, e por isso o leitor ao alcance de conhecer o mal para evitá-lo.” Para o censor, a peça não manteve o mesmo caráter “didático”, embora a tenha liberado.¹⁰

No entanto isto não impedia o folhetim, o romance e a literatura em geral integrarem os acervos domésticos. Pela análise dos inventários, os profissionais pareciam dar preferência aos livros que lhes servissem para atualização técnica, uma vez que suas

⁹ Biblioteca Nacional – Secção Manuscritos. André Pereira Lima. I-2, 1, 4C, 1844; I- 2, 2, 1, 4B, 1 1844 e I- 2, 1, 11, 1844.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

bibliotecas compunham-se, na maior parte, de obras voltadas para utilização no exercício de suas atividades. Destaco aqui, a título de exemplo a biblioteca do médico Luiz Pietzenauer.¹¹ Era representativa nos seus títulos daquilo que pode ser considerado um acervo padrão para este tipo de profissional, no Brasil da segunda metade do século XIX. Uma concentração significativa de obras de interesse profissional e uma boa margem para *Belas Letras* e História. O acervo do Dr. Pientzenauer confirma a hipótese de que a formação do médico, na época, era abrangente. As obras arroladas no inventário passavam pelos mais diversificados temas de medicina: guia de memória, manual de farmácia, biologia, anatomia, cirurgia, doenças de olhos, obstetrícia, dissecação, higiene nas mulheres nervosas, sífilis, cólera morbo. Mas a composição privilegiava obras de literatura, história e filosofia pois, entre os livros, havia romances de Júlio Verne e Victor Hugo, Alexandre Herculano, Ponson de Terrail (24 volumes do Rocambole),¹² e obras de Cantu e Pascal, além de atlas, dicionários, teses e jornais.

Em períodos posteriores, já na década de 80 as leituras populares também apareciam com frequência nos jornais. A Livraria Central divulgava em seus anúncios as obras mais vendáveis, chamando atenção para romances ilustrados e encadernados e textos de autores que guardavam as características do romance-folhetim.

(...) James Middleton, *Jacques, o estripador*, grande romance histórico, 5 grossos vols. Xavier de Montepen, *Os antros de Paris*, 5 grossos vols. Idem, *As tragédias de Paris*, 5 grossos vols. idem, *Os fantoches de Madame Diabo*, 8 grossos vols. Idem, *A mulher do saltimbanco*, 2 grossos vols. idem, P.L.M., 6 grossos vols. Eugene Sue, João, *o cavaleiro*, 4 vols. enc. em 2, idem, *Os mistérios de Paris*, 10 vols. enc. em 5 ...¹³

As obras de autores com as mesmas características De Terrail, Sue e Kock eram muito apreciadas e muitas vezes anunciadas como leitura para cavalheiros:

Casa A. F. Reynaud, Rua da Alfândega 124
BIBLIOTECA REALISTA

Livros e romances para homens do editor P. Fort, de Paris.

(...)

Estas obras todas sensacionais tem os títulos seguintes:

- L'Amour à Paris
- L'Armée du vice
- L'Alcove du Cardinal ...¹⁴

¹¹ Arquivo Nacional. Inventário do Dr. Luiz Pientzenauer. Caixa 4286, nº 551, 1880. fls. 24-29.

¹² O conjunto de aventuras chegou a formar vários volumes, alguns deles incluídos na biblioteca do Dr. Luiz Pientzenauer

¹³ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 08 mar 1893

¹⁴ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 01 mar 1903

Os temas seguiam na direção do romance de aventuras, de escapismo e eram muito vendáveis, apesar das ácidas críticas que lhes faziam os moralistas e aqueles que os consideravam de qualidade desprezível.

Os jornais criaram estratégias e apresentavam sempre diversas formas de divulgação destas leituras. Vários anúncios da Livraria Central continham informações sobre o imbatível *Rocamboles*, por Ponson de Terrail, divulgado em 23 volumes encadernados. Outras obras da mesma tendência apareciam nas mesmas páginas e unificavam uma série de títulos no mesmo gênero.¹⁵ Já os números da Livraria Laemmert caracterizavam-se por seu estilo mais especializado e informavam, a partir de um tema básico, como, por exemplo, Biblioteca Histórica, o título da obra, o autor e um verbete explicativo, abordando o que considerava mais relevante para os seus fregueses.¹⁶ Outras obras muito apreciadas eram manuais que ensinavam a cozinhar ou alguma outra atividade similar ou manuais de polidez.

LIVROS

A venda na Livraria Popular de J.R. dos Santos, sucessor de Cruz Coutinho, segunda casa junto à esquina da Rua do Ouvidor.

76 Rua de S. José 76

O REI DOS COZINHEIROS DA EUROPA E DO BRASIL

Contém esta obra mais de mil receitas de vários mestres para se prepararem com perfeição e economia os mais delicados quitutes, manjares, pratos de carnes e vários animais, peixes, ovos, legumes, massas, doces e confeitos, com um guia para o serviço de mesa, regras para trinchar, conservação de substâncias alimentícias, etc. etc. (...)

MANUAL DO DESTILADOR

Importantíssima obra que ensina a preparar com toda a perfeição diferentes vinhos preciosos e vinagres branco e tinto, todas as qualidades de licores finos (...)
2ª edição brasileira - 1 vol. cart.¹⁷

A curiosidade destes leitores que apreciavam romances-folhetins era explorada por jornais e editoras. A escolha de uns parece ter sido a escolha de muitos, fato não restrito ao Brasil, mas um fenômeno que permitiu a intensificação de publicações que, tal como os romances de cavalaria e depois a literatura de viagens, vinham agradando a um sem-

¹⁵ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 09 mar 1893.

¹⁶ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 24 abr 1893

¹⁷ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 15 mar 1893

número de leitores, às vezes de forma surpreendente. Em artigo veiculado em *Várias Notícias* registrou-se a informação do *Figaro* de que o autor mais lido na França

... ainda hoje é o velho Alexandre Dumas. Nos gabinetes de leitura os livros mais pedidos são os do famoso romancista. E mesmo de regra que, ao fundar-se um novo gabinete, a primeira compra feita é das obras de Dumas pai. Os seus romances históricos cativam não somente o espírito do povo como também das pessoas cultas. Tendo o editor de Jorge Sand, ao chegar em Nohant, encontrado a célebre escritora a ler um volume de Dumas, manifestou-lhe a sua surpresa, no que ela retorquiu:

-Quando me sinto fatigada ou aborrecida, só este diabo do homem consegue divertir-me.¹⁸

No mesmo artigo, assinalava-se que o mais vendável era Emile Zola, com 100.000 exemplares anuais. As obras publicadas em fascículos chegavam a índices extraordinários, como no caso de George Ohnet, que atingiu 6.202.800 exemplares anuais. Havia, no entanto, uma obra que tinha atingido a cifra de um milhão de exemplares: *A vida de Jesus*, de Renan, o que demonstra a manutenção de uma tendência já marcante em épocas anteriores devido a tradição de países de religião católica. No Brasil, a vendagem de livros ficou muito aquém desses números¹⁹ mas a miscelânea nas bibliotecas deixava traços quanto ao gosto dos leitores. A influência francesa, já então com novas interferências, ainda era um deles.

Mais tarde, já nos primeiros anos do século XX os anúncios também contemplavam obras mais sérias, para escolares, outra vertente de publicação muito vendida, uma vez que eram livros obrigatórios para estudo.

LIVROS

Aprovados para o uso das Escolas Públicas primárias da Capital Federal do Brasil.

Primeiro Livro de Leitura por Felisberto de Carvalho.

Segundo Livro de Leitura, pelo mesmo autor.

Hilário Ribeiro, *Cartilha Nacional*.

Justiniano José da Rocha, *Fábulas*.

Edmundo de Amicis, *Coração* (tradução de João Ribeiro).

F. Ferreira, *Noções da vida prática*.

Dr. Menezes Vieira, *Ardósia Artificial*.

Hilário Ribeiro, *Gramática elementar* (...)

A venda na Livraria Clássica.²⁰

¹⁸ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 5 out 1891

¹⁹ Laurence Hallewell. *O livro no Brasil..* (sua história). São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985. O autor menciona tiragens de dois a três mil exemplares no Brasil. p. 147-149 e 175.

²⁰ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 25 mar 1893

Mas junto a elas muitos apreciavam descansar lendo o *Rocamboles*. Marlyse Meyer no seu livro *Folhetim* menciona vários destes leitores famosos: Graciliano Ramos, Pedro Nava, e até Jean Paul Sartre lendo o *Pardaillan* de Zevaco, outro folhetinista célebre, também no Brasil, através da revista *Fon-Fon*. No mesmo livro Meyer indica também um texto de Monteiro Lobato ao falar das *idades mortas* do Vale da Paraíba: “Itaóca [...] pobre lugarejo perdido no espinhaço da serra [...] tem, oficialmente, 5 mil habitantes [...] que leram o *Rocamboles* a fio e assinam as folhas governistas.”²¹

Mas nós pretendíamos apenas responder, é verdade que parcialmente, o que liam os cariocas e encontramos nos romances folhetins esta resposta. Não liam só estas obras, mas a preferência por textos de folhetins era marcante e deixou marcas importantes no imaginário brasileiro. Os levantamentos aqui inseridos nos permitem concluir que os leitores cariocas

Bibliografia

Hallewell, Laurence. *O livro .no Brasil. (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

Meyer, Marlyse *Folhetim. Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Vallery-Radot, P. Eugene Sue:social aspects of the man and his works. 1:**Presse Med**, 1957.

Dec 4;65(88): 2001-2.

Fontes:

Arquivo Nacional. Inventários. Luiz Pientzenauer.

Biblioteca Nacional – Secção Manuscritos. Documentos biográficos. André Pereira Lima.

Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*, 1870-1903.

www.roman-daventures.info/auteurs/france/francais3.htm

www.gallica.bnf.fr/anthologie/piece.asp

²¹ Marlyse Meyer. Op. cit. p. 125.